

Ano III	Volume IV	Nº 7	Julho/Dezembro 2007	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
---------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

Conflito, Dinâmica Territorial e o Fenômeno dos Refugiados no Mundo Globalizado: o Caso do Sudão*

*Conflict, Territorial Dynamics and the Phenomenon of the Refugees in a Globalised World:
The Case of Sudan*

Daniela Florêncio da Silva¹

Resumo

Este artigo faz uma reflexão sobre os possíveis fatores determinantes do cenário de catástrofe humanitária no Sudão. A história deste país tem sido marcada por inúmeros conflitos em todo o seu território, onde os deslocados internos e refugiados refletem a exclusão e a desigualdade dominantes no mundo.

Palavras-chave: Globalização, Sudão, Identidade, Conflito, Refugiados.

Abstract

This article makes a reflection about the possible factors responsible for the scenario of humanitarian catastrophe in Sudan. The history of this country has been marked for countless conflicts in all its territory, where the internally displaceds and refugees reflect the exclusion and the inequality dominants in the world.

Key Words: Globalisation, Sudan, Identity, Conflict, Refugees.

* Trabalho publicado no IX CONGRESSO LUSO – AFRO – BRASILEIRO de Ciências Sociais, Angola, novembro de 2006, e no Centro Angolano de Altos Estudos Internacionais (<http://www.caei.org>).

¹ Graduada em Geografia (Bacharelado) pela Universidade Federal de Pernambuco.
Recebido em 25/06/2007. Aprovado para publicação em 01/08/2007.

Ano III	Volume IV	Nº 7	Julho/Dezembro 2007	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
---------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

Introdução

Observando a configuração da política mundial, percebe-se que o Sudão é um exemplo da atual complexidade e desigualdade em desenvolvimento, que tem a globalização como um dos fatores principais. Como conseqüência marcante deste processo, surge o movimento de deslocamentos no mundo, onde os refugiados formam a peça-chave neste contexto, evidenciando o mais alto grau de exclusão a que um indivíduo pode ser submetido. O seu acentuado crescimento mundial ao longo dos anos tem demonstrado que as regras e o modelo econômico e político atuantes, precisam ser urgentemente alterados. O crescimento do impacto ocasionado pelo fluxo de refugiados nos países que fazem fronteira com o Sudão e a delicada situação desta região do continente africano dificulta ainda mais o quadro de guerra civil e crise humanitária que aflige o Sudão.

Nesta investigação, a correlação com os fatores históricos deste conflito e com a atual conjuntura mundial foi essencial para que se obtivesse uma maior dimensão dos fatos, reiterando que essa crise instaurada no país desde sua independência, em 1953, vem desenvolvendo sérios agravantes. Ela faz parte de um complexo conjunto de componentes que ainda não estão totalmente definidos. Este quadro ao longo dos anos tem alterado a configuração territorial e ocupação humana do Sudão.

Contextualizando o caso do Sudão na geopolítica mundial

Para entender os processos que estão reconfigurando o território do Sudão, é necessário relacionar os seus possíveis elementos constituintes, pois a atual dimensão desta crise, não pode ser só descrita por fatores internos, mas deve-se ter em mente a organização espacial mundial.

O espaço geográfico está sendo (re) configurado pela globalização, desenvolvendo novas formas e novas dinâmicas. Inserido neste processo, o território adquire cada vez

Ano III	Volume IV	Nº 7	Julho/Dezembro 2007	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
---------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

mais importância, pois o mundo, hoje, funciona de maneira muito interdependente, onde a localização é um fator estratégico, que designa a participação de atores neste contexto.

Possuindo uma complexa compreensão, o mundo parece se apresentar de maneira ambígua. Fala-se que sua fragmentação ocorre de forma invisível, onde as fronteiras territoriais não figuram mais os limites e a soberania de um país, mas também, existe uma ocorrência de fortificação dos Estados, para que possam atender às novas exigências mundiais e estarem inseridos nesta dinâmica econômica, nem que para isto sacrifiquem as necessidades sociais de suas populações. Segundo Milton Santos (2000, p. 79) “a globalização, com a proeminência dos sistemas técnicos e da informação, subverte o antigo jogo da evolução territorial e impõe novas lógicas”.

Ao contextualizar o Sudão na geopolítica mundial entende-se que a construção de seu território através das relações sociais então desenvolvidas, ao longo de sua história, mantém suas tradições, mas estas relações, hoje, fazem parte de um contexto mais amplo; onde a globalização adquire papel importante e estruturante. Mesmo não estando no grupo dos países que detêm o poder frente a esse processo global, o Sudão tem sua participação nesta conjuntura de complexos fatores construtores da nossa realidade, que apresenta uma configuração com partes tão diversas e que ao mesmo tempo estão em constantes transformações. Quando se analisa a sua inserção, no cenário mundial, destaca-se a sua aliança à Liga Árabe e com a Organização da Conferência Islâmica (OCI), a qual revela de acordo com a sua história, diferentes nuances neste conflito.

Observando a sua dinâmica territorial, percebe-se que ele está inserido em um processo de reconstrução de território, onde a imposição de um modelo político de exclusão étnica tenta redefinir uma nação imprimindo com isto sérias alterações em seu território e nos seus países fronteiriços. Uma das graves consequências dessas alterações territoriais, causadas pelos atos políticos governamentais é o cenário criado pelo fluxo dos refugiados sudaneses e deslocados internos², que já atingiu um patamar de desastre humanitário.

² A diferença entre deslocados internos e refugiados consiste na travessia ou não da fronteira de seu país. O refugiado a ultrapassa, o que não acontece com o deslocado interno.

Ano III	Volume IV	Nº 7	Julho/Dezembro 2007	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
---------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

“Desenha-se assim, no interior da aparente ordem e estabilidade manifestada pelos traços políticos do novo mapa do mundo, todo um processo de reconstrução de territórios (no caso, pela reformulação de fronteiras nacionais), que permite identificar o que denominamos “faixas de instabilidade planetária”, principalmente ao longo do continente africano (do Saara Ocidental e Senegal à Somália, passando pela Libéria, pelos tuaregues do Níger e Mali, pela Nigéria, o Chade e o Sudão)” [...] (HAESBAERT, 1994, p. 310, grifo do autor).

Essa modificação em seu território também pode ser percebida através da construção pelo governo de áreas de segregação, tentando instituir a soberania árabe e mulçumana, como também, a formação de acampamentos de refugiados, que, atualmente, não possuem nenhuma expectativa de volta para os seus lares. Estes fatos podem ser interpretados como um processo de desterritorialização, porém sem uma nova possibilidade de reterritorialização, provocando com isto um processo de exclusão social (CORRÊA, 1998, p. 254).

Esta crise torna-se ainda mais grave quando notificamos que o Sudão está localizado em um continente de muitas instabilidades políticas, em uma região (nordeste) em que ocorre a também formação de deslocados internos e refugiados.

Outros processos de territorialização identificados no Sudão, também descritos por Rogério Haesbaert (2002, p. 41) podem ser descritos como:

1- Territorializações mais tradicionais e exclusivistas, que não admitem sobreposições de jurisdições e defendem uma maior homogeneidade interna, como a lógica clássica do poder e controle territorial dos Estados-nações, tanto aqueles construídos sobre a idéia da uniformidade cultural quanto os Estados pluri-étnicos, mas que buscam diluir a pluralidade étnica pela invenção de uma identidade nacional comum.

Ano III	Volume IV	Nº 7	Julho/Dezembro 2007	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
---------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

2 - Territorializações fechadas, ligadas aos territorialismos³, que não admitem nenhuma pluralidade de poderes e identidades culturais.

Nestes dois exemplos de territorialização se identificam as medidas de superioridade árabe, adotadas pelo Governo.

O desenvolvimento das territorialidades ao longo dos anos e influenciadas pelo quadro mundial evidencia estas transformações. Hoje, esses diferentes tipos de territorialidades seguem ao mesmo tempo, uma lógica anterior (tradicional), e uma complexa dinâmica de constantes formações de territórios que se interligam através de redes (CASTELLS, 1999).

Não podemos analisar este conflito no Sudão, observando esta única vertente - a expansão do fundamentalismo religioso - percebendo assim, a complexidade do fenômeno, que com o passar dos anos vem ganhando novos atores e fatos que moldam o seu território e população.

Evolução e dimensão identitária do conflito

Antes de analisar a dimensão identitária deste conflito é importante abordar a sua questão étnica. As divergências existentes entre as diversas etnias sudanesas e de alguns de seus segmentos não difundiam feições com dimensões tão trágicas quanto às de agora. Este é um aspecto percebido em todo continente africano. Quando os conflitos envolvem outros determinantes, que ultrapassam as diferenças étnicas, sobrepondo interesses políticos e econômicos, estas divergências tornam-se importantes fontes de graves conflitos.

“A multiétnica e as culturas e etnias politicamente divididas representam uma forte tradição africana desde a época pré-colonial,

³ Territorialismo é definido por Brunet et al. (1993) como “o mau uso da territorialidade, derivação pela qual se sobrevaloriza um território de pertencimento, a ponto de pretender excluir toda pessoa considerada como estrangeira”. Aparece assim associado a “terrorismo” e a uma “visão animal de território” naturalizada, inquestionável, ou seja, sem historicidade (p. 481).

Ano III	Volume IV	Nº 7	Julho/Dezembro 2007	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
---------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

sobrevivendo até os dias atuais. Etnicidade e identificação étnica em si não podem ser responsabilizadas pelos conflitos [...]. Mas, etnicidade e regionalismo são suscetíveis de politização em conflito pelo poder ou por recursos econômicos devido às imperfeições do processo político em muitos países africanos [...]. Apenas em casos raros as lutas com expressão étnica questionam as fronteiras e a persistência dos Estados” (DÖPCKE, 1999, p. 99 a 101).

A evolução histórica, deste que é o maior país do continente africano, relata o desenvolvimento de um conflito entre árabes e africanos, que atualmente, adquiriu gravíssimas implicações. O contato entre estes dois mundos culturalmente e religiosamente distintos ocorreu com a expansão do islamismo no século VII, onde encontrou no norte da África um dos seus destinos. As origens deste conflito remontam às invasões turco-egípcias, que no século XIX começaram por estabelecer as bases do que viria a constituir o território do Sudão, quer unificando por vias militares as numerosas comunidades étnicas existentes no norte, quer estabelecendo as fronteiras para o sul na procura de mão – de - obra escrava. Espelho de uma complexa divisão territorial de identidades étnicas, culturais, religiosas e regionais, este país dividiu-se entre um norte, árabe e majoritariamente mulçumano, e o sul, composto por populações negras e de religião animista e cristã. Esta divergência identitária está presente nos países situados na faixa de Sahel, mas tem apresentado, recentemente, índices alarmantes neste país.

A gravidade da crise e suas causas em todo o país têm se dado através da imposição de um modelo de sociedade específico que possui uma identidade político-cultural (árabe) que encontra na religião o seu simbolismo e força estruturante (MAGALHÃES, 2005, p. 40).

Em 1956, o Sudão tornou-se independente do domínio britânico, e o seu governo foi assumido por representantes da população muçulmana, majoritária no norte do país. Todas as etnias do sul começaram a reagir às estas autoridades. Em 1983, o conflito agravou-se, quando o governo sudanês decidiu impor a lei islâmica a todo o país. Criou-se

Ano III	Volume IV	Nº 7	Julho/Dezembro 2007	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
---------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

então no sul o SPLA/M⁴ (Sudanese People's Liberation Army/ Movement), que liderava a resistência armada ao governo. Embora o SPLA/M não contasse com o apoio de todas as etnias não-muçulmanas do Sudão meridional, visto ser composto das etnias dominantes do sul, Dinka e Nuer, foi expandindo a guerrilha de resistência contra o governo durante a década de 1980 (PERRONE, 2001, p.128).

Apesar destes conflitos entre as populações do Sudão meridional e as populações árabes do norte sejam mais antigos, após a independência, tomam, agora, uma forma nova e delicada. O atual saldo deste conflito é de 2 milhões de mortos e 4,5 milhões de deslocados, de acordo com os dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), onde são desenvolvidas também, inúmeras violações dos direitos humanos. Uma das mais graves conseqüências desta crise é a formação destes fluxos de deslocados internos e refugiados, que atualmente estão aglomerando-se na fronteira com o Chade, formando assim, numerosos acampamentos, que por mais assistência humanitária que recebam, seja ela regional ou internacional, não conseguem dar segurança e auxílio suficientes. As políticas de discriminação e desigualdade desenvolvidas pelo governo e as tensões internas nos movimentos rebeldes têm contribuído para a formação e reforço de novos movimentos insurgentes em outras regiões do país. No leste do Sudão, o congresso de Beja, que conta com o provável apoio de Eritreia, também tem efetuado levantes, desde 1990, contra as forças governamentais, reivindicando uma distribuição mais justa dos recursos do país, podendo assim, desenvolver um novo conflito. O novo palco destes conflitos é a região de Darfur, que desde fevereiro de 2003 tem demonstrado, através da extensão dos acontecimentos, a difusão e efeitos das medidas governamentais, que utilizam o apoio de milícias árabes (como por exemplo, a Janjaweed) para disseminar o medo, a insegurança, a violência e mortes.

Os governos que se sucederam após a independência, implantaram sempre uma visão restrita do Estado e da sociedade, principalmente após o golpe de Estado de 1989, quando assumiu o atual chefe de Estado, general Omar Bashir. Isso tem feito com que seja negada a existência das muitas etnias sudanesas, eliminando a história, as origens e

⁴ A tradução desta sigla é Exército e Movimento de Libertação do Povo Sudanês.

riquezas desta sociedade que levou séculos para se formar, desconstruindo e reconstruindo este território, imprimindo apenas a identidade árabe. Impondo através da luta o domínio de uma minoria étnico-política sobre as populações negras do sul e sobre os muçulmanos não-árabes das faixas leste e oeste do território.

“Esta discriminação tem expressão em medidas concretas, como seja a limitação do acesso a cargos políticos (praticamente limitados a uma elite árabe restrita), a “arabização” dos sistemas administrativo e educacional, uma legislação desigual que não reconhece os direitos e igualdade de todos os cidadãos sudaneses, ou ainda uma exclusão econômica evidente, em que os benefícios da exploração do petróleo favorecem claramente zonas específicas do norte. Num país em que menos da metade da população reivindica origens árabes e em que cerca de um terço não é muçulmano, o entusiasmo árabe-centrista do Governo da Frente Islâmica Nacional veio reavivar e reforçar fraturas antigas e profundas no seio da sociedade sudanesa” (MAGALHÃES, Op. cit., p. 43, grifo da autora).

Não existe uma demarcação linear das partes oponentes neste conflito, uma vez que podemos diferenciá-las em alguns aspectos. É importante não reduzirmos de forma simplificada a sua realidade.

Compreende-se a dimensão identitária deste conflito analisando a evolução histórica de ocupação de seu território por diferentes povos ao longo dos séculos, que por vezes disputavam, e ainda disputam os recursos naturais existentes. No entanto, estas disputas não possuíam extensão e características de uma guerra civil. A disputa tornou-se política e complexa, principalmente na região de Darfur, que é um exemplo importante da miscigenação desenvolvida durante a formação deste país. A maior parte da população de Darfur é muçulmana e fala árabe. Este fato denuncia a tentativa do Governo de criar um

Ano III	Volume IV	Nº 7	Julho/Dezembro 2007	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
---------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

conceito demasiado de superioridade árabe, mesmo em uma região em que esta influência é predominante.

“Durante séculos, as comunidades nômades do norte de Darfur têm seguido padrões de migração sazonal, viajando para a zona sul da região na estação seca em busca de alimento para o gado e retirando-se novamente para as franjas do deserto de Sahel na estação das chuvas. As tensões entre os agricultores e nômades em torno da terra e da água estiveram desde sempre presentes na região, mas eram normalmente geridas através de mecanismos tradicionais complexos envolvendo a teia de rotas de gado e de rios que atravessam as planícies, bem como conferências de chefes tradicionais [...]. As tensões relativas a questões da terra vieram posteriormente a ser agravadas pelas reformas administrativas de 1994 que concederam a membros de comunidades étnicas árabes novas posições de poder, sendo interpretadas pelas comunidades negras como uma tentativa de enfraquecer a sua liderança e poder tradicional na região”. (Ibidem, p. 47).

Os conflitos existentes entre as suas diversas etnias não possuíam uma dimensão tão acentuada quanto à da atual crise. As tensões foram se agravando de acordo com as medidas políticas e econômicas do governo. A recente crise em Darfur reforça esses fatos. Inspirados pelas insurreições existentes na região meridional do Sudão e com o desenvolvimento de tratados e protocolos relativos às questões da autonomia e de partilha de poder e riquezas com os grupos do sul, que estão em andamento, movimentos rebeldes de Darfur como o SLA (Sudan's Liberation Army)⁵ estão reivindicando também os seus direitos.

A composição destes movimentos rebeldes demonstra a verdadeira razão destes conflitos. Os distintos grupos rebeldes do Sudão têm em sua formação diferentes etnias. Mulçumanos e árabes que vivem no sul ou em outras regiões, são contrários a estas

⁵ A tradução desta sigla é: Exército de Libertação do Sudão.

medidas não declaradas do governo, de supremacia dos árabes. Assim, comprova-se que este agravamento é imposto e decorrente do regime governamental. Possuindo uma formação multiétnica esses movimentos lutam por igualdade social, e não pela prevalência de uma etnia no poder.

“É, assim, indubitavelmente, que a estratégia política e militar prosseguida, pelo Governo sudanês, assente numa manipulação das tensões étnicas e no uso de milícias étnicas para combater os rebeldes, veio contribuir de forma significativa para um aumento da clivagem entre árabes e não árabes. A questão é que os dois níveis de conflitualidade – o conflito entre várias comunidades pelo controle dos recursos escassos e o conflito de causas políticas entre movimentos rebeldes e o Governo – se tornaram de tal forma interligados que passou a ser impossível destrinchá-los” (Ibidem, 2005, p. 47).

Fenômeno dos Refugiados: a nova dinâmica de deslocamentos no mundo

Em meio a uma grande diversidade de acontecimentos mundiais que o estão estruturando de maneira extremamente complexa e desenvolvendo diferentes fatores excludentes neste processo, os refugiados tornam-se um exemplo, e ao mesmo tempo um alerta, das conseqüências desastrosas de medidas políticas e econômicas, então adotadas.

As migrações, como são partes integrantes da história da humanidade, acompanham as suas características e são influenciadas por elas. Assim, percebe-se as transformações ocorridas nesses fluxos migratórios, que atualmente ilustram graves fatores configurativos.

Em uma sociedade marcada por conflitos, guerras, desequilíbrios sócio-econômicos, violência, pobreza, fome, exploração e catástrofes naturais, as migrações vêm adquirindo

cada vez mais um caráter de urgência e reflexão no desenvolvimento de medidas concretas para a alteração do atual quadro, que expõe uma evidente e acentuada desigualdade normativa.

O amplo desenvolvimento de deslocamentos forçados espelha a realidade das milhões de pessoas que não se inserem nos escassos benefícios de uma globalização que é comandada por um sistema econômico que rompe barreiras, mas forma imensas lacunas e desigualdades nas diversas partes do mundo.

Classificar, hoje em dia, os diferentes componentes dessa grande massa de migrantes, torna-se cada vez mais complicado, devido à existência de circunstâncias que não permitem uma definição concreta a respeito desses componentes.

Esses migrantes forçados são os que muitas vezes sofrem pela fome, pela pobreza, pelo desemprego e também pela violência, ou seja, não lhes são dadas muitas alternativas para sua permanência em seu lugar de origem. Entre esses migrantes forçados devemos destacar a existência dos refugiados e dos deslocados internos, que não possuem nenhuma alternativa, que não seja a saída de sua moradia, ou em alguns casos a fuga e o seu abandono.

Diferenciar um refugiado de um migrante econômico, por exemplo, é uma tarefa complexa atualmente, onde se encerram muitas nuances provocadas pelo contexto mundial contemporâneo. O conflito armado e a desordem política são geralmente conseqüências do fracasso econômico. Os países que possuem uma violência generalizada são normalmente caracterizados por possuírem graves índices sociais. Assim, as pessoas poderão sentir-se forçadas a abandonar o seu país devido a um conjunto de razões que envolvem tanto o desejo de garantir a sua segurança física quanto à econômica. Diante desses fatos, torna-se difícil descrever uma distinção evidente entre refugiados e as pessoas que sofrem pressões migratórias com aspectos semelhantes aos dos refugiados.

Atualmente, os refugiados formam um fenômeno migratório complexo, no qual estão presentes fatores políticos, étnicos, econômicos, ambientais e de direitos humanos, que provocam deslocamentos de população.

Ano III	Volume IV	Nº 7	Julho/Dezembro 2007	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
---------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

De acordo com a convenção da Organização de Unidade Africana (OUA) que rege os aspectos específicos dos problemas dos refugiados na África, adotada pela Conferência dos Chefes de Estado e do Governo na sexta sessão ordinária (Adis-Abeba, 10 de Setembro de 1969), o refugiado defini-se como qualquer pessoa que, receando com razão, ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontra fora do país da sua nacionalidade e não possa, ou em razão desses eventuais fatos, não queira solicitar a proteção daquele país; ou que, se não tiver nacionalidade e estiver fora do país da sua anterior residência habitual após aqueles acontecimentos, não possa ou, de acordo com este receio, não queira lá voltar⁶.

O termo refugiado também é aplicado, a qualquer pessoa que, devido a uma agressão, ocupação externa, dominação estrangeira ou a acontecimentos que perturbem gravemente a ordem pública numa parte ou na totalidade do seu país de origem ou do país de que tem nacionalidade, seja obrigada a deixar o lugar da residência habitual para procurar refúgio em outro lugar fora do seu país de origem ou de nacionalidade.

A pobreza também pode encontrar-se ligada a uma situação de discriminação ou perseguição por motivos políticos, sociais ou religiosos; nos países onde pessoas de grupos minoritários são excluídas da vida normal da sua sociedade, com um maior ou menor envolvimento dos governos, migrando assim, para fugir de condições miseráveis de vida poderão ser legalmente consideradas refugiadas.

Outro fenômeno denominado de migração mista está se desenvolvendo de acordo com os atuais acontecimentos políticos e econômicos em países como a Albânia, Cuba, Haiti e Vietnã. Esses deslocamentos incluem requerentes de asilo que se viram forçados a abandonar o seu país por alguma das razões que fundamentam o direito de asilo, e o das pessoas que preferiram deslocar-se com o objetivo de melhorar o seu nível de vida, ou de se reunirem à sua família em outro país. Porém estas migrações podem desenvolver dificuldades referentes à distinção entre refugiados e migrantes econômicos, ocorrendo com isto uma redefinição desses conceitos. Um refugiado passa a ser visto como um

⁶Baseado no discurso da Ata Comissária das Nações Unidas para Refugiados, Prof. Sadako Ogata, Universidade de Harvard “John F., Kennedy School of Government”, (Boston, 28 de outubro de 1996) adaptado no parágrafo 18.

Ano III	Volume IV	Nº 7	Julho/Dezembro 2007	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
---------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

migrante econômico, e assim perde direitos que lhe seriam fornecidos em virtude dessa nova distinção.

No início de 2003, a população total do mundo de refugiados era cerca de 10,4 milhões. A Ásia hospedou a maior população total de refugiados (4,2 milhões), seguida pela África (3,5 milhões) e pela Europa (2,5 milhões).

O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, em seu recente relatório divulgado, informou que o número global de refugiados baixou em 4%, no ano de 2004, estimando-se em 9.2 milhões o total atual, o mais baixo em quase 25 anos. Mas, apesar do decréscimo, o dado global de pessoas das quais se ocupa o ACNUR, incluindo os solicitantes de asilo, retornados, apátridas e um total de 6.4 milhões de deslocados internos, aumentou para 19.2 milhões, segundo este relatório.

Essas reduções no número total de refugiados podem ter sido desenvolvidas pelas repatriações voluntárias. Mais de 5 milhões de refugiados retornaram aos países de origem nos últimos 4 anos, dos quais 3.5 milhões regressar ao Afeganistão.

Na metade do século XX (1950-1951), foi instituído o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados para solucionar a problemática do fenômeno dos refugiados no mundo que cresciam de maneira alarmante. A princípio esta instituição foi direcionada para os refugiados europeus procedentes da Segunda Guerra Mundial, mas com o decorrer dos anos e dos fatores históricos a sua assistência passou a abranger todos os continentes que desenvolveram esse fenômeno. Não podemos deixar de destacar também o trabalho de outras organizações internacionais, como a Cruz Vermelha, por exemplo, que vêm realizando importantes trabalhos de auxílio aos refugiados.

O número de pessoas abrangidas pela ação do ACNUR aumentou substancialmente nos últimos anos: 17 milhões em 1991, 23 milhões em 1993 e mais de 27 milhões no início de 1995. Deste número, cerca de 14,5 milhões são refugiados - pessoas que atravessaram uma fronteira internacional e a quem foi concedido asilo noutro país. O ACNUR também se ocupa de cerca de 5,4 milhões de pessoas deslocadas no seu próprio país - pessoas que fugiram por razões similares às que motivam a fuga dos refugiados, mas que não atravessaram a fronteira para outro país - bem como de 4 milhões de ex-refugiados que regressaram aos seus países. Para além destes, existem

Ano III	Volume IV	Nº 7	Julho/Dezembro 2007	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
---------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

aproximadamente 3,5 milhões de pessoas que se encontram fora dos seus países e que não tendo sido reconhecidas como refugiadas, são, no entanto, também objeto da atenção do ACNUR.

Encarado inicialmente como um fenômeno de países pobres, como por exemplo, os do continente africano, do sudeste da Ásia e da América Latina, hoje, os movimentos de refugiados e retornados mais importantes ocorreram em regiões como a Europa Central e do Leste. Isso evidencia os sérios problemas ocasionados pelo atual contexto socioeconômico mundial. A situação dos refugiados no mundo não é inteiramente negativa. Apesar do número de refugiados e de pessoas deslocadas continuar a aumentar, a diminuição das tensões Leste-Oeste e a conseqüente resolução de vários conflitos regionais duradouros, tornou possível o regresso de mais de nove milhões de refugiados desde o início da década.

Os motivos desencadeadores dos fluxos de refugiados são bem distintos. Eles variam de desintegração do Estado a catástrofes naturais. A tentativa de imposição de uma autoridade relativamente a grupos minoritários ou movimentos de oposição ou forças separatistas pode ser observado no Sudão, onde continuam os combates entre o governo e as forças rebeldes, em um conflito que já levou a deslocamento de uma grande parte da população, incluindo 200.000 pessoas que encontraram refúgio no estrangeiro. Apesar do número de conflitos que dão origem a refugiados não tenha aumentado expressivamente nos últimos anos, o número de pessoas deslocadas em cada conflito foi bastante superior.

De acordo com as graves conseqüências desenvolvidas pelo fenômeno dos refugiados no mundo é de imprescindível importância que as autoridades institucionais não só cooperem através de ajuda humanitária, mas também desenvolvam recursos políticos e legitimadores que proporcionem a significativa alteração do atual quadro mundial. É importante salientar que essas pessoas encontram-se no mais alto grau de vulnerabilidade, pois além de estarem sujeitas as piores condições de sobrevivência humana como: pobreza, guerras, fome, catástrofes naturais e diversos tipos de violência, são também destituídas de seus lares e países.

Ano III	Volume IV	Nº 7	Julho/Dezembro 2007	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
---------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

O cenário dos refugiados sudaneses

O país de maior extensão do continente africano e que possui a mais longa guerra civil do mundo encontra-se em processo de fragmentação desenvolvido pelas medidas políticas governamentais, que após a sua independência (1956) tem aprofundado esse cenário de caos e atrocidades.

Hoje, a região do Sudão que possui o conflito mais grave é a clima de Darfur (parte ocidental), onde de acordo com informações da Organização das Nações Unidas existem aproximadamente cerca de 11 acampamentos desta organização, na fronteira do Sudão com o Chade, que são ocupados por aproximadamente 190 mil pessoas. Porém, deve-se ressaltar que outras regiões deste país também produzem refugiados e possuem acampamentos de refugiados vindos de outros países como: Eritreia e Etiópia.

Assim percebe-se a gravidade desta crise que não está direcionada só a uma região do Sudão. Na região meridional, no ano de 2000, mais de oitenta por cento dos sudaneses do Sul estavam deslocados internamente ou eram refugiados em outros países, particularmente nos países vizinhos. Um entre cinco sudaneses do Sul morreu na guerra civil, que até hoje, ainda não conseguiu firmar um acordo definitivo e satisfatório para o fim dos conflitos entre os movimentos rebeldes e o Governo sudanês. Segundo o ACNUR, essa guerra obrigou quatro milhões de pessoas a se deslocarem dentro do Sudão, além de levar outras 500 mil a se refugiarem nos países vizinhos. Há 223 mil refugiados sudaneses em Uganda, 88 mil na Etiópia, 60 mil no Quênia, 69 mil na República Democrática do Congo, 36 mil na República Centro-Africana e 30 mil no Egito.

De acordo com o comunicado da Anistia Internacional do dia 16 de dezembro de 2004 a respeito da situação em Darfur, ressalta-se que devem ser aplicadas imediatamente as medidas de ampliação da missão da União Africana (UA) em Darfur. A rápida realização das medidas na região permitirá cumprir com maior rigor e eficácia seu mandato de proteção dos civis e investigação das violações do cessar-fogo e do direito humanitário. Os deslocados internos continuam sendo atacados aonde buscam refúgio e seguem fugindo de um lugar para outro. Os que residem em campos descobrem que o

Ano III	Volume IV	Nº 7	Julho/Dezembro 2007	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
---------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

governo e a polícia, que deveriam protegê-los, são os que destroem suas casas para expulsá-los. Até dezembro de 2004, 1,65 milhões de habitantes de Darfur viviam deslocados dentro da região, mais de 200.0000 fugiram para o Chade e dezenas de milhares estão deslocadas em Cartum (Capital do país) e outras partes do Sudão. Outros estão temporariamente assentados em cidades e povoados, ou levam uma precária existência entre arbustos. A maioria dos deslocados do Sudão espera poder regressar aos seus lugares de origem, mas são dissuadidos pela falta de segurança que impera neles. Não tem havido avanços no processo de desarme das milícias Janjaweed. Os observadores da União Africana devem cumprir estritamente seu mandato para vigiar e verificar os esforços do governo sudanês para desarmar as milícias sob seu controle ⁷.

Em virtude desses fatos a preocupação é que outras regiões do Sudão também desenvolvam conflitos semelhantes ao do Sul e o de Darfur, pois as medidas adotadas pelo Governo e os crescentes movimentos rebeldes insurgentes em todo o território desse país, indicam previsões catastróficas.

Conclusão

Constituídos por diversas etnias, a fragmentação então vigente neste país, não se refere às diferenças étnicas e sim ao modelo político vivenciado desde 1956, ano de sua independência, que impõe um islamismo segregador, fundamentalista e com profundos aspectos políticos. As características impostas à religião islâmica após a sua revolução em 1979 no Irã, agravaram o semblante desta que é a guerra civil mais longa do mundo, de acordo com a Organização das Nações Unidas.

Este extenso conflito tem como causas centrais a marginalização da população de origem negra, principalmente a da região sul, e a politização das leis islâmicas. Deve-se evidenciar que a relação entre o aumento do poderio militar, a exportação e a produção de

⁷ Esses dados foram obtidos através de um e-mail recebido pelo Núcleo de Interdisciplinaridade de Estudos Migratórios do Rio de Janeiro (NIEM).

Ano III	Volume IV	Nº 7	Julho/Dezembro 2007	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
---------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

petróleo têm não só agravado este conflito, como também, desenvolvido uma longevidade sem uma resolução próxima.

A sua complexidade pode ser percebida através da atuação da intervenção internacional, que ainda hoje discute, quais deveriam ser as medidas adotadas, quando o quadro de catástrofe humanitária, já demonstra a resposta a estes questionamentos.

Bibliografia

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). A SITUAÇÃO DOS REFUGIADOS NO MUNDO. 2000. p. 338. Disponível em: <<http://www.cidadevirtual.pt/acnur>> Acesso em: 25 de maio 2004.

_____. 2003 GLOBAL REFUGEE TRENDS: OVERVIEW OF REFUGEE POPULATIONS, NEW ARRIVALS, DURABLE SOLUTIONS, ASYLUM-SEEKERS AND OTHER PERSONS OF CONCERN TO UNHCR. 2004. p. 2 – 7. Disponível em: <<http://www.unhcr.ch/statistics>> Acesso em: 27 de jul. 2004.

_____. SUDAN: The Internal and External Contexts of Conflict and Conflict Resolution. 2000. Disponível em: <<http://www.unhcr.ch>> Acesso em: 29 de ago. 2004.

CASTELLS, Manuel. The Network Society. Malden e Oxford: Blackwell, 1996 (ed. brasileira: A Sociedade em Rede. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999).

CORRÊA, L. Roberto. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: Santos, M. et al. (orgs.) *TERRITÓRIO – Globalização e Fragmentação*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 251-256.

DÖPCKE, Wolfgang. A vida longa das linhas retas: cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra. Brasília, n. 42, p. 77-109, 1999.

Ano III	Volume IV	Nº 7	Julho/Dezembro 2007	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
---------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

www.revistaintellector.cenegri.org.br

ENCICLOPÉDIA DO MUNDO CONTEMPORÂNEO – ESTATÍSTICAS E INFORMAÇÕES COMPLETAS DOS 217 PAÍSES DO PLANETA. REFUGIADOS. Ed. Terceiro Milênio, 2000. p. 79 – 80.

HAESBAERT, Rogério. MAPEANDO A NOVA DES-ORDEM. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 5. PERSPECTIVAS DA GEOGRAFIA BRASILEIRA: VELHO MUNDO – NOVAS FRONTEIRAS. 1994. Curitiba – PR. Anais... Curitiba: AGB, p. 308-315.

_____. A Multiterritorialidade do mundo e o exemplo da Al Qaeda. São Paulo: Ed. Terra Livre, v.1, p. 37 – 46, 2002.

Disponível em: <<http://www.cibergeo.org/agbnacional/terralivre18/rogerio.pdf>>

Acesso em: 14 de jul. 2004.

MAGALHÃES, F. Patrícia. O Paradoxo afro-árabe: conflitos e intervenção no Sudão. Lisboa, n. 27, 2005. 64p.

PERRONE, M. Beatriz. Conflitos recentes, estruturas persistentes: notícias do Sudão. Revista de Antropologia, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, v. 44, n. 2, p. 127–146, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ra/v44n2/8834.pdf> > Acesso em: 25 de janeiro 2005.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal. São Pauto: Record, 2000.